

**SOARES, Paulo Gil** (Paulo Gil de Andrade Soares, Salvador, 6.8.1935; Rio de Janeiro, 28.6.2000). Diretor. Começou no teatro no programa “Hora da Criança”. Em meados da década de 1950, integrou-se ao grupo de estudantes do Colégio Estadual da Bahia (Glauber Rocha e outros) que participavam da Jogralesca, recitais de poesia moderna com tratamento teatral. A Jogralesca deu uma série de seis espetáculos com grande repercussão na imprensa e nos meios culturais baianos (Paulo Gil participou como diretor das últimas apresentações). Na mesma época, foi contratado para o *Jornal da Bahia*, levado por Glauber Rocha; passou depois para o *Diário de Notícias*.

Soares entrou para o cinema como um dos membros da equipe montada por Glauber Rocha para *Deus e o diabo na terra do sol*. Enquanto Rocha exibia *Barravento* em festivais europeus, Paulo Gil preparava as locações e a produção no interior da Bahia, colaborando também na assistência de direção, cenografia e figurinos (exerceria essas duas últimas atividades também nos filmes seguintes de Glauber como *Terra em transe* e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*).

Depois do golpe militar de 1964 integrou o grupo de documentaristas do produtor Thomas Farkas (Edgardo Pallero, Afonso Beato, Eduardo Scorel, Sidney Paiva Lopes, Geraldo Veloso e Sérgio Muniz). Seu primeiro filme foi *Memória do cangaço* (1965), enfocando a vida do matador de cangaceiros, José Rufino. Embora fosse um apaixonado pelo tema do cangaço, a sua visão sobre o banditismo rural é simples, considerando-os motivados pela vingança contra o ultraje pessoal e a realização de justiça, em que os cangaceiros tiravam dos ricos para dar aos pobres. *Memória do cangaço* foi construído dentro da linha em que uma voz *over* encaminha os depoimentos de autoridades (cientistas, antigos cangaceiros ou policiais), centrando-se na figura do coronel José Rufino. Inserções do antigo documentário dirigido por Benjamin Abrahão sobre o bando de Lampião, antes conhecidas somente por reproduções fotográficas, foram recuperadas para o documentário (o personagem de Abrahão foi resgatado por Lírio Caldas no filme *Baile perfumado*).

Em 1967 foi para o Rio de Janeiro, começando a produção, com Jarbas Barbosa, de *Proezas de satanás na Vila de Leva-e-Trás*. Filmado em locações na cidade mineira de Tiradentes, contava no elenco com Jofre Soares (cego Cartola), Emanuel Cavalcanti (Calixto) e Isabela (Mariana). Tiradentes foi escolhida pela aridez e a estrutura de cidade parada no tempo, um simulacro para uma produção pobre que não poderia se deslocar para o interior baiano. A narrativa explora o fantástico do mundo rural acontecido na pequena vila de Leva-e-Trás. Calixto, que perdera um braço quando operário em São Paulo, sonha que a velha Carlinda o mandou cavar um buraco que seria a fortuna e a destruição da cidade. Com efeito, ao cavar ele descobre petróleo. O cego Cartola, comenta os acontecimentos por meio da música de Caetano Veloso (excêntrica combinação do canto de Caetano, pela primeira vez trabalhando para o cinema, e da fala do ator Jofre Soares, numa apropriação abastardada do cego Júlio de *Deus e o diabo na terra do sol*). Assim como o cego, o aleijado Calixto e os velhos do local não são chamados para trabalhar na exploração do petróleo. A vila decai por não se tornar a sede do empreendimento. Quando o padre (Josef Guerreiro) resolve abandonar o local, chega o diabo para se apoderar do que restou. Para

mostrar seu poder, ele dá visão ao cego, um braço a Calixto e altura para o anão Carlão. Somente um menino vê que tudo é ilusório. Os moradores se transformaram em adoradores de satanás, representado por um bode. O único que resolve enfrenta-lo é o “Pegador de Almas” (Joel Barcelos), que no final do filme avança sobre a cidade carregando uma cruz.

A falta de senso autoral e mesmo de manuseio dos recursos de linguagem não foram um obstáculo para os diversos prêmios que recebeu em 1967 e 1968: Melhor Filme do III Festival de Brasília, Margarida de Prata, OCIC e Festival de Pesaro, Itália.

A segunda produção, *O Homem e sua jaula*, foi adaptado do livro *Matéria de memória* do escritor Carlos Heitor Cony. Tino (Hugo Carvana), um artista plástico, ao receber a notícia do retorno ao país da sogra entra em conflito pessoal, porque sentia uma grande atração por ela. Realizado em parceria com Fernando Cony Campos (sem parentesco com o Cony do livro), parece que foi uma produção tumultuada, tendo Soares abandonado as filmagens, concluídas por Campos. Mas a produtora Aurora Duarte não gostou do resultado final, remontou o filme, que permanece inédito até hoje. Depois de trabalhar com Glauber no interior da Bahia, retomou a sua ligação com o produtor Farkas, dirigindo uma série de documentários a cores. São produções que, em geral, congrega a mesma equipe, estruturando-se em torno de entrevistas e tomadas veristas.

No início dos anos 1970 foi para a TV-Globo, onde fez carreira, levando a sua experiência como documentarista para o programa “Globo Repórter”. Algumas pessoas do mesmo grupo das produções de Tomas Farkas, Geraldo Sarno e Sérgio Muniz, participaram da experiência televisiva. Além de produtor, Soares dirigiu uma série de filmes que ainda aguardam uma avaliação mais aprofundada.

Em 1971, dirigiu seu último longa-metragem, ainda em co-produção de Jarbas Barbosa: *Procura-se uma virgem*. A película explorava as desventuras de um *don juan* que procura o amor ideal, mas para isso era preciso passar por uma série de peripécias. Produzido por Terezinha Muniz, que trabalhou com Soares no núcleo Farkas, era uma tentativa de mostrar que o filme erótico poderia, como gênero, aproveitar um argumento inteligente sem fazer apelo à sexualidade banal da pornochanchada. A fita foi um fracasso.

Como poeta, Paulo Gil Soares publicou *Mirante dos aflitos e Glaubelena*. Para o teatro o texto, *O Evangelho de couro*. Em 1985, lançou o livro *Paixão e morte de Corisco, o diabo loiro*, confirmando suas preocupações de vinte anos antes. Deixou inacabado o argumento *Santa Brígida: uma comunidade de beatos*.

**JOSÉ INACIO DE MELO SOUZA**

2 laudas, 979 palavras, 5074 caracteres, 10 parágrafos, 85 linhas.

Filmografia: Brasil verdade (conjunto de documentários, o quarto é Memória do cangaço); Proezas de satanás na vila de Leva-e-trás, O homem e sua jaula, Procura-se uma virgem.